

COP26 temas descentralizados de rebelião descentralizada e temas de ação

Introdução

Esta é a história que conduz à COP26. É um conto de engano, ganância, estupidez, fracasso e crueldade. É a nota de suicídio da humanidade. É também uma oportunidade de redenção.

A primeira reunião do COP foi em 1995. Desde então, já houve 25 reuniões. Após quase 40 anos de avisos e 30 anos de negociações climáticas internacionais, as emissões de carbono provenientes da queima de combustíveis fósseis aumentaram em mais de 50% desde 1990.

Ainda estão a aumentar.

De facto, estão a aumentar tanto que se prevê que, em vez de 1,5°C, estamos no caminho de um aumento de 3,2°C neste século. O mundo vai tornar-se um lugar aterrador e perigoso se atingirmos os 3,2°C. É agora evidente que mesmo o atual 1,1C do aquecimento global não é um nível "seguro". Entretanto, as promessas de ajudar o Sul Global à medida que suportam o peso disto, têm sido quebradas, uma vez que o Norte Global continua a desfrutar do seu estilo de vida rico em carbono, baseado num sistema de ganância e exploração.

No caminho para a COP26, a Extinction Rebellion tem estado a revoltar-se e a protestar durante a maior parte do ano. Revoltámo-nos contra o dinheiro que está a financiar o caos climático. Amostramos os registos poluidores dos patrocinadores da COP26. As nossas ações formaram uma onda até o G7, onde fizemos soar o alarme sobre a "greenwashing" e mostrámos como novas formas de democracia baseadas em assembleias de cidadãos poderiam ajudar os líderes políticos a resolver estes problemas. The Impossible Rebellion em Londres conseguiu coisas impossíveis. Inúmeras ações em todo o mundo por XR e grupos irmãos enviaram uma mensagem clara de que os nossos líderes não podem continuar a esconder-se dos seus fracassos.

Durante a Rebelião, este verão vimos o assustador relatório do IPCC "código vermelho para a humanidade", outra estação catastrófica de incêndios florestais, inundações da Alemanha ao Cameron, e secas apocalípticas que afetam milhões na Síria, Argentina, e o mundo em geral. A rapidez com que os nossos sistemas de apoio à vida estão a colapsar chocou até mesmo os cientistas climáticos experientes.

Agora, finalmente, chegamos à COP26.

COP26: uma rebelião global

Os principais actores na COP26, tanto líderes governamentais quanto empresariais, estarão presentes para assegurar que não haja perturbações no status quo. Apresentarão uma falsa

contabilidade, dados lavados e políticas climáticas inúteis. Eles não tem intenção de mudar o sistema que beneficia às minorias. Nem mesmo se os defensores da Terra estão a ser mortos, a natureza e a vida selvagem estão a ser destruídas, comunidades inteiras e serviços ecossistêmicos estão a ser sacrificados. Não vão querer que os tenhamos de prestar contas em frente de toda a gente.

Temos que nos rebelar para conseguir alguma mudança. Porquê? Porque cada 0,1 grau poupado e cada pequena de justiça ganha para aqueles que estão na linha da frente climática é uma vitória que irá salvar vidas e reduzir o sofrimento.

Descentralizado: local a global

Nem todos podem chegar a Glasgow. O alojamento é limitado, a COVID ainda está connosco e o apartheid de vacinas irá impedir os rebeldes globais viajar para a Escócia. Haverão 10.000 polícias e Glasgow não é assim tão grande.

XR COP, trabalhando com vozes escocesas e globais, recomenda uma rebelião descentralizada onde grupos locais possam construir acções e protestos sobre temas da COP26 que se adaptem às suas circunstâncias. A nossa rebelião não será apenas nas ruas de Glasgow, mas em todo o mundo em solidariedade global.

Inicie conversações de crise na sua aldeia ou centro comunitário local e convidar toda a gente a vir falar sobre a crise e o sistema corrupto. Trabalhe com grupos de direitos dos migrantes para protestar no Home Office e centros de migrantes para destacar o tema dos Refugiados e Deslocação Climática. Faça ondas azuis de giz em bancos, lojas, escritórios marcando a elevação do nível do mar, mesmo que consigamos manter a 1,5 graus de aquecimento. Atinga e perturbe os seus alvos locais.

Não é necessário fazer todos os temas, mas temos um simples pedido. Que amplifiquemos as vozes marginalizadas dessas comunidades na linha da frente da crise climática e ecológica. Devemos levar as vozes daqueles que não estarão representados nas negociações: crianças, mulheres, povos indígenas, as comunidades da linha da frente e o Sul Global. Aqueles que menos fizeram para causar este caos, suportarão injustamente as suas terríveis consequências, mas são aqueles que podem ser a chave para a solução.

Pedimos que, sempre que possível, trabalhem com os centros de protesto da Coligação COP26 para desenvolver um legado de rede para continuar a luta pela justiça ambiental e social após a COP26.

Pedimos que todos se reúnam para o Dia Global de Acção da Coligação COP26, a 6 de Novembro, para mostrar que todo o movimento ambiental está unido e marcha sob uma mensagem de Justiça Climática.

Onde quer que estejam no mundo, agora é o momento de se juntarem à rebelião sob duas mensagens:

- **o fracasso e a injustiça do processo da COP**

- **exigir que os governos cumpram as suas responsabilidades e, finalmente, façam o cambio acontecer**

COP26: fracasso, negligência e injustiça

COP26 é o capítulo seguinte de uma história de promessas quebradas, ganâncias injustas e fracasso inacreditável, que se estende até o COP1. 25 reuniões não conseguiram evitar que nos encaminhássemos para uma catástrofe, uma vez que as emissões continuam a aumentar.

Os efeitos devastadores das alterações climáticas e a necessidade de descarbonizar são conhecidos há décadas, mas mesmo assim os governos e os seus sócios empresariais não conseguiram agir. Agora enfrentamos alterações climáticas desastrosas com desertificação, cheias, falhas nas colheitas e catástrofes naturais cada vez mais extremas. Médicos e assistentes sociais seriam imediatamente demitidos se não cumprissem o seu dever de cuidado tanto como os governos fizeram pelos seus cidadãos.

Os nossos políticos não estão comprometidos. Apesar das suas reivindicações de liderança climática, a realidade é que a maioria dos países falhou na implementação de políticas consistentes com os 1,5 graus. Alguns dos piores poluidores não apresentaram planos de redução de emissões antes da COP26, incluindo a China, Índia e Brasil. Os países mais ricos gastaram mais 40 biliões de dólares em combustíveis fósseis do que em energia limpa desde a pandemia.

Isto é o oposto a "reconstruir melhor": é um fracasso imoral e ganancioso e está a matar-nos.

Os governos estão também a vender soluções enganosas. O objetivo zero (Net Zero) em 2050 é uma estafa. É uma irresponsabilidade climática com esteróides, uma aposta cega e um véu para a inacção mortal. Está a ser utilizado por governos e corporações poluidoras para fugir à responsabilidade, transferir fardos, disfarçar a inacção climática, e em alguns casos até para aumentar a extracção e emissões de combustíveis fósseis. Sabe-se como é terrível uma ideia quando é apoiada por gente como executivos de combustíveis fósseis e por Rupert Murdoch.

O objetivo zero de 2050 depende de plantações de árvores e de tecnologias não comprovadas e irrealistas serem capazes de atrapar o dióxido de carbono (CO₂) do ar no futuro. A única opção segura e justa é a de reduzir as emissões na fonte. A maioria das reservas de combustíveis fósseis devem permanecer no solo para ter a possibilidade de manter o aquecimento global abaixo de 1,5C. Em Maio, um relatório da AIE concluiu que não poderia haver um novo desenvolvimento de petróleo, gás ou carvão se o mundo que atingir o objetivo zero para 2050.

Apesar das repetidas promessas de acabar com os subsídios aos combustíveis fósseis para 2025, os países do G7 continuam a subsidiar os combustíveis fósseis na ordem dos 100 mil milhões de dólares por ano. Estão a utilizar o nosso dinheiro "para impulsionar furacões, espalhar secas, derreter glaciares, branquear corais". Numa palavra: para destruir o mundo". (António Guterres, Secretário-Geral das Nações Unidas)

Se a COP26 não resultar numa paragem imediata de novos investimentos em combustíveis fósseis, apoiando uma transição justa, esta fracassou. Isto não é nem sequer o mínimo - é apenas um primeiro passo para o fracasso.

A íntima relação entre políticos e empresas de combustíveis fósseis é bem conhecida no Reino Unido, EUA e Austrália. As empresas de combustíveis fósseis passaram décadas a pressionar os governos para atrasar a acção climática, doando a partidos com políticas menos progressistas sobre o clima, e recompensando os políticos que se opuseram à legislação ambiental.

Na COP26, o governo do Reino Unido pegou dinheiro da SSE para patrocinar a COP26, enquanto a empresa gere a central eléctrica mais poluente da Escócia.

Prevê-se que as emissões de dióxido de carbono sofram este ano o segundo maior aumento anual da história, à medida que as economias globais vertem dinheiro para estimular, com combustíveis fósseis, a recuperação da pandemia Covid-19.

Existe uma injustiça climática global espantosa onde muitos dos países que menos fizeram para causar alterações climáticas enfrentarão os piores impactos. Os 10% mais ricos do mundo são responsáveis por mais de 50% das actuais emissões, enquanto os 50% mais pobres são responsáveis apenas por 7% das emissões. A maioria das nações plenamente desenvolvidas já ultrapassou significativamente a sua parte equivalente de emissões de carbono em 2 graus. As suas metas para 2050 tem como objetivo assegurar a ganância por mais 30 anos, consumindo a parte de todos e esperando que os países menos desenvolvidos sejam conformes.

Se a COP26 não aborda a desigualdade entre aqueles que causaram esta crise, e aqueles que a sofrem, então o fracasso é evidente.

Se a COP26 não cumpre as promessas e compromissos já assumidos e quebrados, fracassou.

Parem de nos matar

- Os grupos XR Global South pedem aos governos que "parem de lhes matar", pois sofrem as consequências catastróficas das alterações climáticas.
- Os governos negligenciaram grosseiramente o seu dever de cuidado para com todos nós, mas especialmente para com as populações do Sul Global.

Compensação justa para com o clima

- Uma minoria rica dos países e empresas do mundo são a principal causa das alterações climáticas. Devem pagar as suas dívidas.
- Os países ricos que emitiram a maior parte do carbono devem ser os que rapidamente se descarbonizem, seguindo um acordo climático justo e equitativo.
- Os países mais ricos que causam a crise devem aos países em desenvolvimento um financiamento climático justo.
- Nos termos do Acordo de Paris, os países desenvolvidos tinham de fornecer 100 mil milhões de dólares anuais para o período 2020-2025 para ajudar os países do Sul

Global a adaptarem-se às alterações climáticas e apoiar o crescimento das economias verdes. Não tem sido totalmente pago, e não é suficiente.

- As perdas e danos são compensações dos países mais ricos pelos impactos das alterações climáticas que não podem ser evitadas nem adaptadas, por exemplo no caso de ilhas e comunidades que desaparecem sob os mares em ascensão.

Temas / ideias de acção

- Combustível fóssil e transição justa
- Natureza e biodiversidade
- Segurança alimentar e agricultura
- Oceano e água
- Perdas e Danos / Financiamento climático
- Vozes e comunidades marginalizadas
- Refugiados e deslocamento climático
- Armas, segurança e conflito

Processo justo, soluções justas (título provisório)

As soluções são conhecidas há décadas. O COP26 deve fazer a diferença. Porquê? Porque cada 0,1 graus poupado e cada pequena justiça ganha para aqueles que estão na linha da frente climática é uma vitória que irá salvar vidas e reduzir o sofrimento. O nosso conhecimento, engenho, tecnologia e cooperação podem transformar sociedades e economias. Podemos assegurar um futuro sustentável para todos, não deixando ninguém para trás.

Mensagens secundárias: Renovar o sistema, Pagar as dívidas, Ambientais, Agir sobre a Ciência. Faça isso justo

Relatórios como o “Making Peace With Nature” do PNUA e o “Dasgupta Review” acreditam que podemos prevenir e inverter os piores impactos do declínio ambiental através da rápida transformação dos sistemas mas importantes. Os povos indígenas e as comunidades activistas estão prontos para partilhar a sua experiência e conhecimentos. Especialistas, cientistas e decisores políticos estão prontos para avançar com soluções que precisam de ser mobilizadas a todos os níveis das nossas sociedades.

- Fim dos subsídios aos combustíveis fósseis - apenas 10-30% dos subsídios aos combustíveis fósseis poderiam pagar por uma transição global para a energia limpa.
- Deixar de financiar os combustíveis fósseis. Os bancos globais canalizaram 2,7 triliões de dólares em combustíveis fósseis desde o Acordo de Paris...
- Parar o financiamento da destruição dos ecossistemas - os grandes bancos investiram 2,6 triliões de dólares em actividades ligadas à perda global da biodiversidade em 2019.

- Assegurar que as empresas multinacionais cumprem as mesmas normas sociais e ambientais que nas nações mais ricas.
- Amplificar as vozes, conhecimentos e soluções das pessoas e comunidades Indígenas.
- Introduzir actos políticos como a Lei do Clima e Emergência Ecológica do Reino Unido.
- Tornar o ecocídio um crime internacional.
- Implementar relatórios tais como o “Relatório Final - A Economia da Biodiversidade: A Revisão Dasgupta”.

Temas de acção / ideias

- Assembleia de Cidadãos (COP26 Coalition People's Assembly)
- Soluções reais baseadas na natureza
- Parar a guerra contra a vida selvagem
- Direitos da mulher e participação
- Perdas e Danos / Climate Finance
- Mesa cor-de-rosa de alcance
- Pós-COP26: resistência renovada

Por que estes temas

A XR COP escutou e aprendeu com vozes globais para desenvolver estes temas. Isto é o que é importante para os grupos escoceses e internacionais.

Na COP26, acusamos nossos líderes de negligência grosseira em seu dever de cuidar de nós.

Eles permitiram que os combustíveis fósseis levassem nosso planeta a temperaturas perigosas.

Eles permitiram a destruição da natureza a níveis perigosos.

Permitiram uma desigualdade espantosa: aqueles que mais causam, mais se beneficiam enquanto aqueles que menos causam suportam as perdas e os danos irreversíveis. No entanto, os responsáveis pelo caos climático e ambiental se recusam a pagar justamente por qualquer perda e dano, e colocam mais dinheiro nos combustíveis fósseis e na guerra do que no financiamento do clima.

Eles têm permitido que o caos climático traga insegurança alimentar a milhões.

Eles permitiram que nossos sistemas hídricos fossem desestabilizados permitindo que a indústria destruísse os oceanos, e que a água doce para muitos milhões se tornasse escassa e poluída.

Eles permitiram a perda de pessoas e comunidades inteiras para esta destruição do clima e da natureza, e o assassinato de defensores da terra.

Eles permitiram que milhões de pessoas fossem deslocadas pelo caos climático e pela destruição natural. Os refugiados climáticos são as vítimas esquecidas.

Eles permitiram que os gastos com armas superassem os gastos com soluções e criaram um mundo brutal onde muitos enfrentam conflitos por causa dos recursos devastados.

Os mesmos erros estão acontecendo novamente à medida que a luta contra a mudança climática expande a demanda por novos materiais, como o lítio. O extrativismo verde está adotando as mesmas formas exploradoras e poluidoras de extração de combustíveis fósseis. Mais uma vez, o Sul Global deve pagar pelas demandas do Norte Global.

Por mais de 25 anos, eles têm atendido, mas o fracasso e a ganância têm conquistado o bom senso e a justiça. Eles fracassaram tanto que agora estamos em perigo.

Eles marginalizaram as mulheres, os povos indígenas e os povos do Sul Global ao ponto de comunidades e modos de vida inteiros estarem desaparecendo. Isto é mais do que fracasso - é indiferença e crueldade.

Além disso, falharam descaradamente por meio de promessas não cumpridas, contabilidade de carbono injusta e soluções falsas para construir a falácia do progresso para o zero líquido e metas sem um plano de ação adequado para alcançá-las.

Estamos unidos neste ponto. A maior pesquisa já realizada encontra dois terços das pessoas em todo o mundo que pensam que a mudança climática é uma emergência global e que nossos líderes precisam agir agora. 74% das pessoas nos países do G20 querem que a crise climática e a proteção da natureza tenham prioridade sobre o emprego e o lucro.

Temas e idéias de rebelião COP26

Combustível fóssil e transição justa

- Parar imediatamente todos os novos investimentos em combustíveis fósseis
- Fim da extração de combustível fóssil em conformidade com o Tratado de Não Proliferação de Combustível Fóssil.
- Fazer uma transição rápida e justa para cada trabalhador, comunidade e país para a energia renovável.

As empresas de combustíveis fósseis, seus investidores e os políticos que lhes permitem são os inimigos do progresso: eles estão destruindo nosso futuro.

Tirando uma folha do livro de jogo da indústria do tabaco, as empresas de combustíveis fósseis e outros grandes poluidores semearam dúvidas sobre a mudança climática e retardaram a ação por décadas. Eles gastaram milhões financiando propagandas enganosas, fazendo lobby e comprando influência política. Agora eles estão tentando nos convencer de que são parte da solução. Não se pode confiar neles. Por trás dos bastidores,

eles continuam a reter o progresso: os lobistas de combustíveis fósseis têm tido muito mais sucesso do que outros setores em obter benefícios de pacotes de recuperação pandêmica, desperdiçando assim uma oportunidade única de reiniciar nossas economias para uma recuperação verde.

António Guterres, o secretário geral da ONU, advertiu que estamos em "código vermelho para a humanidade". Os sinais de alarme são ensurdecedores e as evidências são irrefutáveis: as emissões de gases de efeito estufa da queima de combustíveis fósseis e do desmatamento estão sufocando nosso planeta e colocando bilhões de pessoas em risco imediato".

A Agência Internacional de Energia disse em maio de 2021 que não deve haver nenhum novo desenvolvimento de petróleo, gás ou carvão se o mundo quiser alcançar o zero líquido até 2050. No entanto, o Reino Unido está licenciando novos campos de petróleo e gás no Mar do Norte, a China está construindo usinas elétricas alimentadas a carvão e as companhias petrolíferas ainda estão investindo em nova produção.

Apesar das repetidas promessas de acabar com os subsídios aos combustíveis fósseis até 2025, os governos das sete maiores economias avançadas do mundo continuam a fornecer pelo menos US\$100 bilhões por ano para apoiar a produção e o consumo de petróleo, gás e carvão. Segundo o Instituto Internacional para o Desenvolvimento Sustentável, estas fontes de energia recebem mais de US\$370 bilhões por ano em apoio, em comparação com US\$100 bilhões para fontes de energia renováveis.

Além disso, os governos não estão dando ouvidos às lições da crise financeira de 2008, ou reconstruindo melhor de uma forma verde e sustentável. A recuperação verde da pandemia do coronavírus está falhando até mesmo em atingir os níveis de gastos verdes observados no estímulo que se seguiu à crise financeira de 2008. De acordo com um relatório da Vivid Economics, apenas cerca de 12% dos gastos com pacotes de resgate econômico estão indo para projetos de baixo carbono, tais como energia renovável e tecnologia limpa.

Cinco países asiáticos são responsáveis por 80% dos novos investimentos em energia a carvão: A China, Índia, Indonésia, Japão e Vietnã planejam construir mais de 600 unidades de energia a carvão (Carbon Tracker, junho de 2021)

Transição justo

Os trabalhadores da indústria de combustíveis fósseis têm famílias para cuidar e contas a pagar, mas estão interessados em mudar para a energia renovável se apoiados por esquemas de treinamento adequados.

Os governos também devem investir na criação de empregos qualificados, bem remunerados e de longo prazo, verdes, pagos através do desvio de subsídios concedidos à indústria de petróleo e gás. Em 2019, análises da Organização Internacional do Trabalho informaram que 24 milhões de novos empregos poderiam ser criados globalmente até 2030.

Segurança alimentar e agricultura

A mudança climática ameaçará até um terço das áreas de produção de alimentos ao redor do mundo se as emissões de gases de efeito estufa continuarem a aumentar em seu ritmo atual, novas pesquisas sugerem.

Os países menos responsáveis pela mudança climática são os que mais sofrem com seus efeitos, especialmente no que diz respeito à insegurança alimentar e deficiências nutricionais.

A insegurança alimentar é especialmente sentida no Sul Global, onde as pessoas dependem da agricultura em pequena escala e são mais vulneráveis a secas, enchentes e condições climáticas extremas.

Muitas das mais importantes áreas de cultivo de alimentos do mundo verão as temperaturas aumentar e os padrões pluviométricos mudarem drasticamente se as temperaturas subirem cerca de 3,7C, o aumento previsto se as emissões permanecerem altas. As áreas no sul e sudeste da Ásia e na zona sudano-saheliana da África são especialmente vulneráveis. No tempo próximo, a produtividade reduzida das colheitas associada ao calor e à seca e as mudanças na precipitação são uma ameaça atual e crescente a curto prazo.

Refugiados e deslocamento climático

Cada vez mais pessoas ao redor do mundo estão e estarão perdendo suas casas e meios de subsistência devido aos riscos relacionados ao clima e à degradação ambiental. Elas são forçadas a deixar tudo para trás em busca de segurança e dignidade.

Hoje 1% do mundo é uma zona quente e pouco habitável. Em 2070, 19% do planeta está projetado para se transformar em uma zona quente e pouco habitável, tornando a agricultura impossível e indo apenas para fora da África, Oriente Médio, Sudeste Asiático e Austrália. Já hoje, as secas recorrentes e as falhas na colheita estão deixando as pessoas com a escolha entre voar e morrer através da África, muitas vezes alimentando conflitos regionais em lugares como a Somália, a bacia do Lago Chade e o Sahel. Cada vez mais Bangladesh está se tornando um refugiado climático, já que Bangladesh está perdendo uma área do tamanho de Manhattan a cada ano.

Em 2019, os riscos relacionados ao clima desencadearam cerca de 24,9 milhões de deslocamentos em 140 países em todo o mundo. O think tank australiano IEP prevê que pelo menos 1,2 bilhões de pessoas poderão ser deslocadas por tais eventos relacionados ao clima até 2050. O deslocamento relacionado ao clima também está aumentando globalmente e a maioria das pessoas forçadas a deixar suas casas são mulheres.

As nações ricas também estão sendo afetadas por isto. Do País de Gales à Louisiana, as pessoas já estão sendo desalojadas pela crise climática.

Os refugiados climáticos são as vítimas esquecidas da mudança climática. Os governos que causaram a crise são os mesmos que estão criando barricadas de fortalezas para impedir que os migrantes cheguem à segurança. Se os migrantes alcançarem a segurança, eles enfrentam ambientes hostis e são alojados em centros de detenção desumanos.

Há uma necessidade urgente de esclarecer a definição de refugiados climáticos - aqueles que deixam seus países no contexto da mudança climática ou de desastres não se qualificam para a proteção sob o direito internacional.

Perdas e danos / Financiamento climático

Nosso sistema econômico é construído sobre a exploração colonialista dos recursos naturais impulsionada por uma busca incessante de crescimento infinito, exigindo cada vez mais lucro, mais consumo, mais desigualdade, mais extração de recursos e mais perda de biodiversidade.

Uma minoria rica dos países e corporações do mundo é a principal causa da mudança climática. Existe uma injustiça climática global espantosa onde muitos dos países que menos fizeram para causar a mudança climática enfrentarão os piores impactos. Os 10%

mais ricos da população mundial são responsáveis por mais de 50% das emissões atuais, enquanto os 50% mais pobres são responsáveis por apenas 7% das emissões. O Sul Global não pode ser sacrificado para suportar o peso dos estilos de vida prósperos e intensivos em carbono do Norte Global. Agora, mais do que nunca, os líderes mundiais devem demonstrar solidariedade e apoio com ações concretas. Os países de alta renda devem reduzir ainda mais e mais rapidamente as emissões em consonância com sua responsabilidade histórica e cumprir seus compromissos de fornecer apoio financeiro aos países de baixa renda.

Dívida climática e justiça climática

A Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança Climática (UNFCCC) declara que todos os países devem contribuir para a ação climática de acordo com sua responsabilidade histórica e capacidade atual.

Os países mais ricos têm hoje um nível desproporcionalmente maior de emissões, mas eles também têm a maior responsabilidade histórica. O dióxido de carbono se acumula na atmosfera, portanto o que um país emitiu no passado importa tanto quanto o que está emitindo hoje.

Os países industrializados também se tornaram ricos e poderosos, em parte como resultado do saque sistemático do Sul Global. Os países que mais gastaram o orçamento coletivo de carbono, têm uma maior responsabilidade de descarbonizar mais rapidamente. Se levarmos em conta a equidade (para assegurar uma divisão justa do total das emissões globais de carbono), e não dependermos de tecnologias de emissões negativas, o mínimo absoluto que países mais ricos, como o Reino Unido ou a Suécia, precisam fazer para cumprir o Acordo de Paris é chegar a zero emissões até 2035-2040. Isto exigiria mais de 10% de redução por ano e, crucialmente, é muito mais cedo do que a recente meta de 2050 que o Reino Unido assinou. E mesmo isso nos dará apenas uma pequena chance em 3 de ficar abaixo de 1,5°C.

Se quisermos também almejar uma meta mais ambiciosa de 2 em 3 chances de ficar abaixo de 1,5°C de aquecimento, o Reino Unido e outros países de alta renda deveriam ter como meta emissões líquidas zero por volta de 2025, de acordo com a Segunda Demanda da Extinction Rebellion.

Os países mais ricos devem fornecer apoio financeiro e tecnológico para que os países em desenvolvimento possam reduzir as emissões enquanto ainda melhoram as condições de vida. É injusto prender os países mais pobres na pobreza para deter uma crise causada pelo estilo de vida de alto carbono dos países mais ricos.

Os países mais ricos devem uma "**dívida de adaptação**" aos países em desenvolvimento onde os impactos da mudança climática não podem ser evitados. O Acordo de Paris estipulava que os países desenvolvidos forneceriam 100 bilhões de dólares anuais para o período 2020-2025 para ajudar os países do Sul Global a se adaptarem às mudanças climáticas e apoiar o crescimento das economias verdes. Até o momento, isto não se concretizou completamente e, em nenhum caso, está longe de ser uma contribuição suficiente.

Perdas e danos

Perdas e danos são compensações pelos impactos da mudança climática que não podem ser evitados nem adaptados, por exemplo, no caso de ilhas e comunidades que desaparecem sob os mares em ascensão ou lagos de água doce secando. Aqueles que causaram a bagunça, e poderiam tê-la evitado, devem pagar por perdas e danos.

O conceito central de reparação de perdas e danos está incluído no Acordo de Paris, mas é negado no parágrafo 51 onde o mundo rico declara que não tem responsabilidade e não precisa pagar indenização. Corrigir esta injustiça é um fator crítico para desbloquear as negociações na COP26.

Oceano e água

Oceano

É irônico que os locais para a COP26 sejam inundados até 2050 como resultado da elevação do nível do mar e de tempestades mais fortes.

O consenso científico conservador é que um aumento de 1,5°C na temperatura global irá gerar uma elevação global do nível do mar entre 1,7 e 3,2 pés até 2100. Mesmo se coletivamente conseguirmos evitar que a temperatura global suba a 2°C, até 2050 pelo menos 570 cidades e cerca de 800 milhões de pessoas estarão expostas ao aumento do mar e a tempestades.

Se os recentes incêndios mostraram recentemente o horror visceral dos efeitos da mudança climática, os mares em ascensão são uma ameaça existencial sem remorsos. Culturas, identidades, tradições e modos de vida estão sob ameaça. Comunidades inteiras enfrentam escolhas severas e futuros desconhecidos. Nações enfrentam custos paralisantes para implementar a resiliência e a defesa do clima.

Nações inteiras como Tuvulu e as Ilhas Marshall poderiam desaparecer sob as águas ascendentes, separando esses ilhéus de suas terras ancestrais através de famílias, clãs e laços antigos para sempre.

Jakarta, na Indonésia, é uma mega-cidade que se afunda. Fairbourne, no norte do País de Gales, está presa entre o mar e as montanhas. É a primeira comunidade britânica a ser desativada como resultado da mudança climática. Espera-se que o nível do mar na África Ocidental aumente mais rapidamente do que a média global. A megalópole nigeriana Lagos também está em risco de inundação.

A era da migração climática já está em plena América e pode estar tão espalhada que pode rivalizar com qualquer coisa na história dos EUA, incluindo a da Grande Migração vista no século 20. No final deste século, só a elevação do nível do mar poderia deslocar 13 milhões de pessoas.

Água

A crise climática está tornando ainda mais difícil para as pessoas mais pobres do mundo obter água limpa. As inundações mais frequentes e extremas estão poluindo fontes de água frágeis, pois as secas mais longas estão secando as nascentes.

O World Resources Institute (WRI) atualizou seu Atlas de Risco Global da Água revelando que 17 países, lar de um quarto da população mundial, enfrentarão um estresse hídrico "extremamente elevado" dentro de 20 anos.

700 milhões de pessoas em todo o mundo poderão ser deslocadas pela intensa escassez de água até 2030. (Instituto Global da Água, 2013)

O 'Dia Zero' - o dia em que as torneiras secam - ameaçou as grandes cidades da Cidade do Cabo a São Paulo e Chennai.

Até 2050, o número de pessoas em risco de inundações aumentará de seu nível atual de 1,2 bilhões para 1,6 bilhões. No início a meados dos anos 2010, 1,9 bilhões de pessoas, ou 27% da população mundial, viviam em áreas potencialmente muito carentes de água. Em 2050, este número aumentará para 2,7 a 3,2 bilhões de pessoas. (Nações Unidas, 2020)

"O estresse hídrico é a maior crise da qual ninguém está falando. Suas conseqüências estão à vista de todos sob a forma de insegurança alimentar, conflito e migração e instabilidade financeira", disse o **Dr. Andrew Steer**, Presidente e CEO do World Resources Institute.

21 milhões de pessoas, incluindo 5 milhões de crianças, vivem a 5 km de lagos com alta turbidez (turbacão da água), o que pode indicar a poluição da água. (ONU-Água 2021)

Armas, segurança e conflito

Os militares, em si mesmos um enorme poluidor, são freqüentemente utilizados para sustentar as próprias indústrias extrativistas que desestabilizam nosso clima. Este caos climático, por sua vez, leva ao deslocamento maciço, à militarização das fronteiras e à perspectiva de novos conflitos.

A canalização de trilhões para os militares para travar guerras sem fim e projetar o domínio militar nos impediu de investir em verdadeira segurança, cooperação e soluções climáticas.

A indústria de combustíveis fósseis depende da militarização para sustentar suas operações em todo o mundo. O petróleo é a principal causa da guerra: estima-se que um quarto a metade de todas as guerras interestaduais desde 1973 foram ligadas ao petróleo. E em todo o mundo, aqueles que lutam para proteger suas terras das indústrias extrativistas são freqüentemente confrontados com violência estatal e paramilitar.

O caos climático aumentará o risco de conflitos, instabilidade social e luta por recursos. O caos climático cria conflitos enquanto as empresas de armamento e seus acionistas se beneficiam.

Os gastos militares mundiais aumentaram para quase 2 trilhões de dólares em 2020 (Instituto Internacional de Pesquisa para a Paz de Estocolmo (SIPRI)). Contudo, o mundo gastou menos, US\$501,3 bilhões em 2020, em energia renovável, veículos elétricos e outras tecnologias para reduzir a dependência do sistema energético global dos combustíveis fósseis.

O resultado deste colossal desperdício de gastos? Se os militares americanos fossem um país, seu uso de combustível faria dele o 47º maior emissor de gases de efeito estufa do mundo.

O setor militar-industrial britânico emite anualmente mais gases de efeito estufa do que 60 países individuais, como Uganda, que tem uma população de 45 milhões de pessoas.

Os países mais pobres sofrem uma enorme injustiça no clima e nos conflitos. Enquanto as empresas de armamento ocidentais se beneficiam de mais conflitos, pesquisas mostram que os países afetados por conflitos são desproporcionalmente afetados pelas mudanças climáticas devido à sua limitada capacidade de lidar e se adaptar (2020, o CICV divulgou Quando a chuva se transforma em poeira.) Dos 20 países considerados mais vulneráveis às mudanças climáticas, 12 estão atolados em conflitos.

Vozes e comunidades marginalizadas

Mulheres, povos indígenas e pessoas de cor (BIPOC) estão sofrendo desproporcionalmente os impactos da mudança climática.

Povos e nações perdidos

O aquecimento global acima de 1,5C será catastrófico para as nações das ilhas do Pacífico e poderá levar à perda de nações insulares inteiras. Um novo relatório do Greenpeace Austrália Pacífico destacou a forte injustiça climática enfrentada pela região do Pacífico, que é uma das regiões com menor emissão de carbono do mundo, é responsável por apenas 0,23% das emissões globais, mas sofreu alguns dos primeiros e mais severos impactos do aumento da temperatura global.

Hoje, os desastres estão esvaziando comunidades e apagando importantes locais culturais, históricos e religiosos, deixando apenas memórias dolorosas e perdas assombrosas. Culturas, identidades, tradições e modos de vida estão sob ameaça. Comunidades inteiras enfrentam escolhas severas e futuros desconhecidos. Nações enfrentam custos paralisantes para implementar a resiliência e a defesa do clima.

O povo indígena Nenets viu seus modos de criação de renas realinhados pela mudança climática, que já está afetando o extremo norte da Rússia à medida que o permafrost derrete. Durante séculos, os habitantes das Ilhas Marshall foram ligados a suas terras ancestrais através de famílias, clãs e laços antigos. Agora eles vão perder sua história e seu senso de lugar. Cidades icônicas como Veneza ou Nova Orleans estão sob ameaça, enquanto cidades e lares estão sendo abandonados em todo o mundo.

Onde estão todas as mulheres?

A crise climática é (literalmente) feita pelo homem, as mulheres são desproporcionalmente afetadas por ela, mas as vozes femininas serão limitadas na mesa de negociações.

Há décadas, as mulheres estão sub-representadas nas reuniões da COP e há poucas evidências de que as mulheres estarão devidamente representadas na maioria das delegações da COP26. Por exemplo, a equipe de liderança inicial da COP26 do Reino Unido era toda masculina.

A mudança climática afetará a todos, exceto a desigualdade de gênero, tornando as mulheres mais propensas a sofrer os efeitos da mudança climática e privando-as dos recursos para escapar ou enfrentá-los. Isso porque as mulheres têm mais probabilidade de viver na pobreza do que os homens, têm menos acesso aos direitos humanos básicos, como a capacidade de se moverem livremente e adquirirem terras, e enfrentam uma violência sistemática que se agrava durante períodos de instabilidade. De fato, o Acordo de Paris inclui disposições específicas para assegurar que as mulheres recebam apoio para enfrentar os perigos da mudança climática.

As empresas de combustíveis fósseis, bancos, seguradoras e outras instituições financeiras que cobram a emergência climática são dominadas por homens brancos no Norte Global. Os homens têm uma pegada de carbono maior do que as mulheres, em 16%, de acordo com um estudo. Os 1% dos homens que mais ganham renda no mundo, que são esmagadoramente homens, são responsáveis por mais emissões de carbono do que os 50% dos que ganham mais do que os 50% dos que ganham menos. 70% dos pobres do mundo são mulheres.

As mulheres estão liderando movimentos de ação climática, defendendo fontes limpas de energia e construindo modelos alternativos de comunidade que se concentram na sustentabilidade e na cooperação. A participação e a liderança feminina podem ter efeitos transformadores em seus países e comunidades.

Mulheres e mulheres de cor estão liderando a luta contra a crise climática e lutando por uma melhor representação nas mesas de negociação. Não é errado apenas marginalizar as vozes femininas, não faz nenhum sentido. Pesquisas mostram que mais mulheres nos parlamentos nacionais levam os países a adotar melhores políticas climáticas. A igualdade de gênero é uma solução climática: níveis mais altos de desigualdade de gênero resultam em mais desmatamento, poluição do ar e perda de recursos.

Indígenas

O caos climático tem um impacto único sobre os povos indígenas devido às suas relações com a terra, o oceano e os recursos naturais. Suas comunidades são especialmente vulneráveis à exploração, ao fanatismo, à violência e à apropriação de terras para o desenvolvimento, mas são as que menos contribuem para a emissão de gases de efeito estufa.

Os povos indígenas também são uma solução climática. As comunidades indígenas sustentam cerca de 80% da biodiversidade do planeta apesar de representarem menos de um vigésimo da população humana, de acordo com o Banco Mundial. Eles são reconhecidos por seu conhecimento, enquanto pesquisas mostram que suas habilidades de gestão de terras resultam em menos desmatamento e degradação. No entanto, este conhecimento é freqüentemente ignorado por governos e consultores ambientais, pois os povos indígenas enfrentam ameaças crescentes ao seu modo de vida.

Os povos indígenas são os melhores guardiões dos ecossistemas climáticos críticos, mas em todo o Brasil, invasões e destruição de terras indígenas e ataques brutais contra os povos indígenas estão disparando. Empresas britânicas como a Tesco são cúmplices desta brutalidade através de suas ligações com o agronegócio brasileiro.

"Todos respiramos este único ar, todos bebemos a mesma água". Todos nós vivemos neste único planeta. Precisamos proteger a Terra. Se não o fizermos, os grandes ventos virão e destruirão a floresta. Então você sentirá o medo que nós sentimos".

Raoni Metuktire, ativista indígena e chefe da comunidade Kayapó no Brasil.

Lembrando os defensores da terra mortos

Os defensores da Terra nas linhas de frente da crise climática são assassinados em número crescente porque expõem a corrupção e a destruição, o crime do ecocídio, que este sistema econômico inflige sobre nosso planeta e seus habitantes. Em média, quatro ativistas foram mortos a cada semana desde dezembro de 2015.

Novos números divulgados pela Global Witness mostram que 227 pessoas foram mortas em 2020 enquanto tentavam proteger florestas, rios e outros ecossistemas dos quais sua subsistência dependia. No entanto, as pessoas que habitam estes lugares nunca compartilham realmente das riquezas ali produzidas: as garras de terra e o colonialismo ainda são fortes, mesmo que estejam vestidas com logotipos corporativos ou escondidas com contas bancárias offshore.

Os povos indígenas são especialmente vulneráveis, especialmente na América Latina. 40% dos ativistas mortos globalmente em 2019 eram de comunidades indígenas, apesar de representarem menos de 4% da população mundial.

A maioria dos assassinos nunca é levada à justiça por governos que vêem as preocupações ambientais como barreiras ao crescimento econômico. As autoridades desses países muitas vezes incentivam ou se aliam às próprias indústrias privadas a que os defensores da terra se opõem.

Os defensores da terra mortos a cada ano não estão apenas defendendo seus lugares locais, eles também estão defendendo nosso planeta comum e nosso clima.

Biodiversidade: em guerra contra a natureza

Nosso planeta e nosso povo se tornaram danos colaterais para um sistema baseado no consumo sem fim e em estilos de vida ricos em carbono, desfrutados por poucos.

O resultado? Estamos gastando além de nossas possibilidades e a conta está sendo chamada com aquecimento global, perda de biodiversidade, sofrimento ecológico e sofrimento humano. Nosso planeta está se desmoronando com as crises inseparáveis da perda da biodiversidade e da mudança climática. O mundo está enfrentando um futuro terrível em um planeta devastado.

A biodiversidade está em colapso. Um milhão de espécies estão em risco de extinção. Os ecossistemas estão desaparecendo diante de nossos olhos e, no entanto, a comunidade internacional não alcançou plenamente nenhuma das 20 metas de biodiversidade de Aichi acordadas no Japão em 2010 para retardar a perda do mundo natural. É a segunda década consecutiva em que os governos não atingiram as metas.

O extrativismo está devastando as pessoas e a natureza em todo o hemisfério sul. As indústrias ocidentais continuam a destruir a biodiversidade e os habitats naturais no Sul Global com projetos extrativistas de estilo neocolonial. Os governos permitiram que suas empresas devastassem o planeta, especialmente no Sul Global: as indústrias extrativistas são responsáveis pela metade das emissões de carbono do mundo e mais de 80% da perda de biodiversidade, de acordo com a mais abrangente contagem ambiental empreendida da mineração e da agricultura.

Nossas economias, nossa subsistência e nosso bem-estar dependem de nosso bem mais precioso: a natureza. Isto deve parar. Temos que viver dentro dos limites da natureza e do planeta para o nosso próprio bem. Se uma empresa cuidasse tão mal de seus ativos, seria declarada falida e encerrada. Mas esta é nossa bela e maravilhosa casa e não há outro lugar para onde ir.

Pós COP26: resistência renovada

Depois da COP26 descansaremos, nos renovaremos e então estaremos de volta. Enviaremos uma mensagem clara de que nunca pararemos até que eles ajam agora. Que

nosso amor por nossos povos e por nosso belo e complicado planeta, significa que nunca desistiremos. Nossa fúria contra a inação nos impulsionará de volta às ruas em 2022.

Estamos construindo um legado para a COP26. Grupos XR e rebeldes em todo o mundo estão unindo forças com outros movimentos. Este será o legado de nossa Rebelião COP26. Após a COP26, XR estará de volta e haverá ainda mais de nós.

Um dia, quando acharmos que perdemos, poderemos olhar para trás e perceber que foi quando ganhamos.

Mais informações

5 idéias para ações

COP26: Programa de novembro